



EU SOU DIGNA DE AFETO?

A CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE DE BICHAS PRETAS: DA EDUCAÇÃO INFANTIL ÀS REDES SOCIAIS

Fábio de Carvalho Cordeiro¹

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Curitiba, Paraná, Brasil.

Resumo: A partir dos Estudos de Raça, Gênero e Sexualidade de vertente pós-estruturalista, discuto neste artigo, a construção da afetividade de bichas pretas da educação infantil às redes sociais, com o objetivo de pensar os caminhos pelos quais as formas de preterimento afetivo se dão ao longo da vida de bichas pretas. Por meio da análise de fragmentos extraídos de postagens do *Afrodengo LGBTT+*, problematizo narrativas de socialização virtual acerca de vivências afetivas e da identidade de gays negros e bichas pretas. Deste modo, é possível apostar na ideia de que não só a construção de uma identidade negra e sua valorização tem sido violentada, assim como a vida afetiva amorosa de bichas pretas tem se configurado em um processo de preterimento e, em muitos casos, de hipersexualização. No entanto, por outro lado, é possível afirmar que existe também um processo de (re)existência e ressignificação do afeto e do nosso amor interior.

Palavras-Chave: Bichas pretas; Educação Infantil; Afetividade.

AM I WORTHY OF AFFECTION?

THE CONSTRUCTION OF AFFECTIVITY OF BICHAS PRETAS: FROM KINDERGARTEN TO SOCIAL NETWORKS

Abstract: Based on the Post-structuralist Studies of Race, Gender and Sexuality, I discuss in this article, the construction of the affection of bichas pretas from Kindergarten to social networks, in order to think about the ways the forms of affective neglect are given throughout the life of bichas pretas. Through the analysis of fragments extracted from posts by *Afrodengo LGBTT+*, I problematize narratives of virtual socialization about affective experiences and the identity of black gays and bichas pretas. In this way, it is possible to bet on the idea that not only the construction of a

¹ Doutorando e Mestre em Educação (PPGE/UFPR). Licenciado Pleno em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisador na área dos Estudos de Raça, de Gênero e Sexualidade com interface na Educação. Bolsista Capes. E-mail: fabio.ufpa2009@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8246-4006>



black identity and its valorization has been violated, but also the affective love life of bichas pretas has been configured in a process of neglect and, in many cases, of hypersexualization. However, on the other hand, it is possible to affirm that there is also a process of (re) existence and reframing of affection and of our inner love.

Keywords: Bichas pretas; Kindergarden; Affectivity.

¿SOY DIGNO DE AFECTO?

LA CONSTRUCCIÓN DE LA AFECTIVIDAD DE LAS BICHAS PRETAS: DESDE LA EDUCACIÓN INFANTIL A LAS REDES SOCIALES

Resumen: Con base en los Estudios posestructuralistas de Raza, Género y Sexualidad, discuto en este artículo la construcción de la afectividad de las bichas pretas desde la educación infantil a las redes sociales, con el objetivo de pensar las formas en que se dan las formas de abandono afectivo. dan a lo largo de su vida de bichas pretas. A través del análisis de fragmentos extraídos de publicaciones de Afrodengo LBTT+, yo problematizo narrativas de socialización virtual sobre experiencias afectivas e identidad de negros gays y bichas pretas. De esta forma, es posible apostar a la idea de que no sólo se ha vulnerado la construcción de una identidad negra y su valorización, sino que la vida afectiva amorosa de las bichas pretas se ha configurado en un proceso de abandono y, en muchos casos, de hipersexualización. Sin embargo, por otro lado, es posible afirmar que también hay un proceso de (re)existencia y resignificación del afecto y de nuestro amor interior.

Palabras-clave: Bichas pretas; Educación Infantil; Afectividad.

SUIS-JE DIGNE D' AFFECTION?

LA CONSTRUCTION DE L'AFFECTIVITÉ DES BICHAS PRETAS: DE LA PETITE ENFANCE AUX RÉSEAUX SOCIAUX

Résumé: En m'appuyant sur les études post-structuralistes de la race, du genre et de la sexualité, j'aborde dans cet article la construction de l'affectivité des bichas pretas de l'éducation de la petite enfance aux réseaux sociaux, dans le but de réfléchir aux manières dont les formes de négligence affective sont ils donnent tout au long de leur vie des. À travers l'analyse de fragments extraits de messages Afrodengo LBTT+, je problématise les récits de socialisation virtuelle sur les expériences affectives et l'identité des gays noirs et des bichas pretas. De cette façon, il est possible de parier sur l'idée que non seulement la construction d'une identité noire et son appréciation ont été violées, mais aussi que la vie amoureuse affective des bichas pretas a été configurée dans un processus de négligence et, dans de nombreux cas d'hypersexualisation. Cependant, d'autre part, il est possible d'affirmer qu'il existe également un processus de (ré)existence et de resignification de l'affection et de notre amour intérieur.

Mots-clés: Bichas pretas; L'éducation des enfants; Affectivité.

INTRODUÇÃO²

Diante do contexto de pensar a construção da afetividade na vida de bichas pretas, esta existência que é atravessada pelo racismo e pela homofobia, penso que se torna necessária uma lembrança para pensar tal problemática, o que pode não ser tão simples e aciona a intersecção das categorias da diferença que constituem tal existência. Neste trabalho, bicha preta define-se como uma categoria de análise, a partir da construção identitária de um corpo que não atende as normas de gênero e sexualidade, e que também é racializado, a partir de sua negritude.

A bicha tem história. Uma trajetória que se configura em um embaraço de estereótipos, estigma, performance, identidade, ressignificação, práticas sexuais, tempo-espço, confrontos e saberes. No Brasil é uma personagem fundamental no contexto das sexualidades divergentes das normas de gênero e na constituição da categoria de homossexualidade, conforme argumenta Jésio Zamboni³ (2016). Para o autor, no século XX a bicha é escoraçada dentro dos próprios movimentos homossexuais, por não se enquadrar a uma identidade higienizada e normalizada, a exemplo da identidade gay. (ZAMBONI, 2016).

De acordo com Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), o gay e a bicha passaram a ser categorias que definem modos de existência distintos. A bicha resiste. O gay se ajusta. Categorias pertencentes a classe, *status* social e raça e modos de expressões de gênero diferentes, que coexistem e permanecem em disputa. E, quando tal corporeidade é racializada sendo-lhe atribuída a identidade preta aciona-se novas possibilidades de existências de corpos afeminados, viados e bichas que desafiam processos de higienização. (OLIVEIRA, 2017).

² Este artigo apresenta parte dos resultados revistos e ampliados de minha dissertação de mestrado intitulada “A bixa-preta na escola e nas redes sociais: da afetividade de uma vida à hipersexualização de um corpo”, defendida em março de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

³ Considerando o processo de invisibilização e de machismo que historicamente violenta mulheres em nossa sociedade, adoto como postura política, colocar o nome completo de autoras e autores nas citações quando estas parecerem pela primeira vez no texto, como forma de explicitar o gênero da autora/autor dando maior visibilidade as pesquisadoras.



Portanto, mesmo diante do processo de marginalização e de todo histórico da utilização do termo *bicha* de modo pejorativo, hoje bichas pretas, são (re)existências que confrontam a cis-heterossexualidade com seus corpos afeminados, desafiam o racismo, e inclusive, escapam de processos de captura direcionados a determinados corpos com o objetivo de normatiza-los para atender a um ideal de sujeito homossexual. Neste sentido, essa existência dialoga tanto com os processos de subalternização, violências, ressignificações e resistências acerca das questões raciais, como também das questões de gênero e sexualidade.

Deste modo, proponho uma discussão, para questionar e debater como o racismo tem interpelado a construção do afeto na vida de bichas pretas na educação infantil e nas redes sociais, produzindo seus corpos através de um processo de preterimento, hipersexualização e objetificação, mas também de ressignificação da afetividade e o cultivo do amor interior entre bichas pretas, demarcado temporalmente por essas duas fases da vida: a infância e a vida adulta. Após esse primeiro debate, me proponho a analisar de que forma as questões levantadas têm refletido na vida de bichas pretas e como isso funciona na dinâmica das redes sociais, neste caso, nos aplicativos de relacionamentos voltados para o público gay.

Inspirado pelas teorizações foucaultianas, além de não pretender buscar verdades que recaem de forma a interpelar, subalternizar e marginalizar cotidianamente corpos de bichas pretas, também não me proponho a buscar as origens para almejar explicações concretas, seguras, estáveis e delimitadas para pensar e equacionar o problema de hoje. Ao contrário, se busco historicamente fontes que possam me ajudar a pensar o presente é justamente para tentar compor uma rede de discursos que permitiu, ou deu condições para que se estabelecessem “regimes de verdade” e “regimes de poder”. Um exercício chamado por Rosa Maria Bueno Fischer (2003) de “desmanchar o objeto naturalizado” que, de forma menos pretenciosa, no meu caso, se propõe a tensionar os mecanismos que em determinados tempos históricos naturalizaram discursos e objetos em relação à hipersexualização e a afetividade de bichas pretas, por exemplo.

Ainda, como ferramenta teórico-metodológica, recorro às teorizações foucaultianas, especialmente sua noção da análise discursiva, para tentar fazer a investigação do meu objeto de pesquisa a partir do material empírico produzido no



contexto de espaços de socialização virtual de LGBT negras e negros. Nesse sentido, a investigação se constrói como uma pesquisa bibliográfica e documental.

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PERSPECTIVA VOLTADA PARA CORPOS RACIALIZADOS

Ser membro⁴ do *Afrodengo LGBTTT+*⁵, é construir com este coletivo um espaço possível de questionamentos para pensar a problemática do afeto em nossas vidas, compartilhado entre nós bichas pretas e outros sujeitos LGBT negros e negras que também constituem esse grupo com o mesmo propósito, isto é, refletir sobre como se configura nossa experiência nos aplicativos de relacionamentos, nossas vivências afetivo-amorosas e nossa afetividade, que perpassa desde a infância e que nos remete a essa construção principalmente na escola, visto que, tanto a educação (no sentido mais amplo), quanto a educação escolar, são pilares importantes para construção da afetividade, pois é um dos espaços em que as crianças constituem sua corporeidade, afetividade e “[...] estabelecem contatos com outras crianças e com pessoas diferentes do seu grupo familiar [...] é, penso essencial quando se entende a educação como um dos principais fatores de desenvolvimento da cidadania”, conforme Eliane dos Santos Cavalleiro (1998, p. 18).

Apesar do debate acerca da afetividade na educação infantil e sua intersecção com a categoria analítica de raça não ter uma literatura tão extensa, é possível fazer essa discussão a partir de autoras como, Cavalleiro (1998), Lucimar Rosa Dias e Hélio Silva Júnior (2011), Fabiana de Oliveira e Anete Abramowicz (2010) Maria Aparecido Bento (2012), Lucimar Dias e Waldete Tristão Farias Oliveira (2018) e Cristina Teodoro (2020) que tratam da importância de considerarmos já na educação infantil os modos

⁴ O texto é escrito em primeira pessoa pelo fato de a pesquisa ser constituída a partir das categorias da diferença que atravessam minha própria existência como bicha negra, e também por ser membro do grupo *Afrodengo LGBTTT+* de onde foi construído o material empírico deste trabalho.

⁵ Esta sigla será mantida de acordo como é utilizada pelo grupo *Afrodengo LGBTTT+*. No entanto, quando utilizada fora do contexto de nomeação do grupo, utilizo a sigla LGBT, por ser esta até o momento utilizada por grande parte do movimento social organizado do país, conforme determinações da I conferência Nacional LGBT (2008) que se configura em uma conjunção de representantes políticos frente ao Estado, mas cabe dizer que há tensionamentos seja pelo uso da sigla, seja por essa representatividade de caráter governamental.

como o pertencimento étnico-racial afetam as crianças na constituição de sua corporeidade e nas relações afetivas por elas vividas.

Estas investigações têm fomentado a discussão de que o racismo está presente desde os primeiros anos na vida das crianças, inclusive nas creches, antecedendo a faixa etária das crianças da pré-escola, conforme afirma Dias e Oliveira:

[...] o bebê negro, já nos seus primeiros meses de vida é impactado por esta perspectiva e quando estão nas creches podem viver experiências que marcam de forma negativa a construção de sua identidade negra, que se persistirem a ausência de um debate sobre o tema nesta etapa inicial, estaremos compactuando com este processo. (2018, p. 230).

Para Teodoro “ser uma criança negra, pertencente a um grupo étnico-racial negro e, ter como meio de comunicação e mobilidade, um corpo negro, significa nascer com uma marca, que historicamente tem sido motivo de opressão”. (2020, p. 128). As situações de racismo vivenciadas pelas crianças negras na escola, ainda são pouco discutidas. (CAVALLEIRO, 1998). Assim como o racismo por muito tempo foi silenciado, em determinados espaços, contextos e momentos de nossas vidas, e por vezes ainda o é, algumas de nossas subjetividades se esvaem na correnteza da operação desta tecnologia de poder.

É o caso da construção do afeto e como isso reverbera para nós, corpos racializados. Por isso questionar essa dimensão das nossas vidas tem sido um movimento de quebra de reprodução do racismo, já que, como aponta Cavalleiro (1998), a ausência de um debate sério e pontual sobre o racismo, seja na escola, como em outros contextos sociais, corrobora com a reprodução e legitimidade de violências racistas.

Essa ausência sintomática do debate das questões raciais na educação infantil, por exemplo, revela o quanto o racismo tem sido um debate secundarizado, que a instituição escolar minimiza de forma que as violências sofridas pelas crianças negras têm encontrado o silêncio como entrave para serem enfrentadas. Nesse sentido, Dias e Junior apontam que:

Pelos dados apresentados constatamos que a desigualdade na educação infantil é permeada pelo pertencimento racial e seu rompimento é certamente



desafiador, pois ao lado desta questão existem outras dificuldades a serem vencidas na consolidação de um atendimento de qualidade às crianças de 0 a 5 anos. A formação dos professores, a oferta de equipamentos adequados, o currículo, a participação da família, o acesso, etc., diante desse quadro há uma tendência a secundarizar a discussão sobre a igualdade racial. Porém ao tratarmos desse tema não retiramos o foco desses problemas, ao contrário, pensar como as desigualdades em relação às crianças negras de 0 a 5 anos podem ser superadas, é parte da política universal. (DIAS; JUNIOR, 2011, p. 4-5).

Já para Cavalleiro (1998, p. 18): “[...] falar em socialização do zero aos sete anos é falar de uma etapa fundamental para o desenvolvimento humano. Tal afirmação supõe considerar a educação recebida pela criança como significativa para o desenvolvimento futuro do sujeito [...]” E conclui:

A socialização torna possível à criança a compreensão do mundo, por meio das experiências vividas, correndo paulatinamente a necessária interiorização das regras afirmadas pela sociedade. Nesse início de vida a família e a escola serão os mediadores primordiais, apresentando/significando o mundo social. (CAVALLEIRO, 1998, p. 19).

Neste sentido, entendo que a escola necessita de uma intersecção que opere no combate ao racismo fazendo um diálogo entre a socialização de crianças na educação infantil, com a premissa de que crianças negras vivenciam experiências distintas das crianças brancas.

Embora já saibamos que o acesso à educação infantil tem extrema importância no desenvolvimento de uma criança e que nos primeiros anos de vida as interações vividas são fundamentais na constituição de suas identidades, o pertencimento racial tem sido largamente negligenciado nestas considerações e pouco tem sido produzido no sentido de compreender como a ocorrência da desigualdade racial na sociedade brasileira incide sobre a educação oferecida à criança pequena e qual tem sido o papel do estado como ente protetor desta criança. (DIAS; JUNIOR, 2011, p. 5).

É inegável que valores, atitudes e crenças relacionadas à raça, podem atravessar o currículo, a organização da escola e também práticas pedagógicas de todas e todos profissionais envolvidas e envolvidos no processo educativo das crianças.



(CAVALLEIRO, 1998). No entanto, quando a escola e as práticas pedagógicas ignoram as relações raciais que permeiam a instituição escolar, isso pode impactar negativamente determinadas dimensões da vida de crianças negras, conforme argumenta Cavalleiro (1998). De acordo com a autora, esses impactos podem operar sobre o “[...] desempenho e o desenvolvimento da personalidade das crianças e de adolescentes negras e negros, bem como estar contribuindo para a formação de crianças e de adolescentes brancas e brancos com um sentimento de superioridade.” (CAVALLEIRO, 1998, p. 52).

VESTÍGIOS DO PASSADO, REFLEXOS NO PRESENTE: EXPERIÊNCIAS DE BICHAS PRETAS NOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTOS GAYS.

O sentimento de superioridade cultivado desde a infância na branquitude, evidentemente tem se manifestado hoje nas interações entre gays brancos e negros nos aplicativos de relacionamento gay, como ilustra o exemplo a seguir, de um *print*⁶ do aplicativo *Grindr*, postado⁷ no *Afrodengo LGBTT+*. O diálogo mostra a abordagem de um gay branco que envia duas fotos para o membro do grupo, um gay negro, resultando no seguinte episódio virtual racista:

– Membro do Afrodengo: *Desculpa! Mas não curti. Boa Sorte.*

– Gay branco: *Thanks! A minoria é você. Abraços.*

⁶ A produção do material empírico desta pesquisa emerge do grupo de Facebook Afrodengo LGBTT+. O grupo foi criado em 2017, com a proposta de ser um espaço virtual de relacionamentos afetivos de pessoas LGBT negras e negros. Neste sentido, parte das postagens feitas no grupo são relatos de bichas pretas nos aplicativos de relacionamento LGBT, denúncias e desabafos, relativo ao racismo, hipersexualização e objetificação de seus corpos nesses ambientes virtuais, destas postagens reverberam debates acerca das vivências afetivo-sexual-amorosas dos membros e membras do grupo. A partir de um longo processo de depuração, utilizando descritores linguísticos para filtrar as mensagens e comentários no grupo, foram feitos *prints* das postagens que interessavam ao tema da investigação, originando, assim, os excertos que constituíram o material empírico da pesquisa.

⁷ A partir da discussão ética do trabalho de dissertação de Mirani Barros (2017), delinee algumas posturas éticas para esta pesquisa, dentre elas, dialogar e solicitar aos moderadores do grupo Afrodengo LGBTT+ e informar a todos e todas participantes do grupo, via postagem, sobre a investigação a ser realizada.



– Membro do Afrodengo: *Minoria ou não, estou no meu direito e se não gostou de ouvir um não, da próxima vez poupe o tempo alheio expondo uma foto sua. Boa noite!*

– Gay branco: *Você nem está nos padrões, desculpa a sinceridade, beleza? Na verdade, você não é nada agradável de rosto, nem de corpo, mas falei com você somente pra ver se tinha um picão. Abraço, príncipe. Ironia. Nossa, testuda.* (Fragmento 1. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018).

Em um outro *print* do aplicativo, outro ataque virtual racista. Não é uma discussão, um gay branco não foi chamado pelo gay negro no aplicativo, não é resposta a alguma ofensa, simplesmente é um surto raivoso direcionado ao perfil de uma pessoa negra.

– *Você viadinho parece aquela preta que canta rap (sei lá que merda de música é aquela) tenho antipatia daquele cabelo rosa papel crepom dela, que por sinal o Carol konka é de gorila. Você é igual a ela, feio, preto e afeminado. Te dar um soco nessa sua cara pra você virar homem.* (Fragmento 2. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018).

É um exemplo da certeza de uma suposta superioridade estética, racial, normativa, que lhe permite estar privilegiadamente confortável para abordar o gay negro desta forma. As vivências da infância não desapareceram dos corpos adultos, portanto, tanto o gay branco, o preto, ou a bicha preta que interagem hoje nos aplicativos de relacionamento gay, se relacionam com os reflexos e marcas das construções como sujeitos que tiveram desde suas passagens pela Educação Infantil e que constituíram suas subjetividades, visto que “[...] as primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, cooperação, solidariedade, responsabilidade.” (BENTO, 2012 p. 100).

Bento (2012), ainda continua dizendo que “[...] crianças pequenas são particularmente atentas ao que é socialmente valorizado ou desvalorizado, percebendo rapidamente o fenótipo que mais agrada e aquela que não é bem aceito [...]”. (2012, p. 101). Desse modo, a dimensão racial atravessa as crianças pequenas, sendo as brancas privilegiadas, pois podem se construir como pertencentes à norma, revelando “[...] um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas



e discriminatórias, como por exemplo, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo à cor da pele caráter negativo.” (CAVALLEIRO, 1998, p. 11). Em vista disso, podemos perceber “[...] que as crianças brancas são privilegiadas na relação professor-aluno, pois conseguem, com mais frequência, identificar-se positivamente com as professoras”. (CAVALLEIRO, 1998, p. 157).

Em contrapartida, as “[...] crianças pequenas negras se mostram desconfortáveis em sua condição de negras, porém raramente reagem à colocação de que preto é feio. [...] crianças negras revelam o desejo de mudar o tipo de cabelo e a cor da pele.” (BENTO, 2012, p. 101). Portanto, uma das cruéis consequências advinda “[...] da ação do estereótipo é a auto rejeição e a rejeição ao seu outro igual, é esse ódio contra si próprio que a ideologia coloca no oprimido, um tipo insidioso de inferiorização que resulta em desagregação individual e desmobilização coletiva”, conforme afirma Ana Célia da Silva (1995, p. 46).

Para Bento (2012, p. 100) “[...] esse processo de formação da identidade, tão fundamental na experiência humana, quase não é abordado pelos estudiosos das relações raciais, na primeira infância – época do nascedouro do pensamento e da identidade racial.” No entanto, no cotidiano do contexto escolar “[...] nota-se que diferenciação das crianças pela cor da pele é constantemente empregada pelas professoras, o que não seria problemático se não vigorasse, no país, uma hierarquia étnica.” (CAVALLEIRO, 1998, p. 89).

Esse processo de valorização da branquitude, por mais que afete a valorização da identidade de gays negros e bichas pretas, tem sido ressignificado por muitas e muitos de nós e essa autoafirmação também reverbera nos aplicativos, confrontando-se com o racismo de gays brancos que têm uma concepção negativa da negritude, como podemos observar na declaração a seguir:

– Já aconteceu de me chamarem assim e eu dizer que não sou moreno, sou negro, e a pessoa ter a cara de pau de falar a seguinte frase: “você é bonito demais para ser isso”. Só bloqueei! (Fragmento 3. AFRODENGO LGBTQ+, mar. 2018).



Em mais dois *prints* de conversas no aplicativo *Hornet*, postado no *Afrodengo LGBTT+*, além de uma equivocada abordagem de gays brancos relativo ao pertencimento racial dos gays negros, a abordagem se mistura com a hipersexualização do preto desejado:

- Gay branco: *Moreno lindo.*
- Membro do Afrodengo: *Cara, eu não sou moreno. Sou negro!*
- Gay branco: *Nossa, desculpa! Que negão gostoso.*
- Membro do Afrodengo: *Tchau!* (Fragmento 4. *AFRODENGO LGBTT+*. Mar. 2018).
- Gay branco: *Opa! Sou chegado num moreno.*
- Membro afrodengo: *Não sou moreno, sou negro.* (Fragmento 5. *AFRODENGO LGBTT+*, Mar. 2018).

Em outra postagem no grupo, um membro relata sobre uma conversa com um gay branco acerca do seu pertencimento racial e sua desconfiança de possivelmente estar sendo hipersexualizado.

- *Você tá conversando na boa com o boy branco, aí ele fala que você não é negro, que você é mulato, é moreno. Aí ele diz que adora negros, que negros geralmente são bons de cama. Diz isso na tentativa de te agradar. O boy é legal, rola uma química, mas você fica na dúvida se ele tá só te fetichizando. Como lidar com isso? Edit: Ele elogiou meus traços finos. Socorro!* (Fragmento 6. *AFRODENGO LGBTT+*, Mar. 2018).

Após a postagem do membro do grupo, acontece um debate e outros membros participam comentando seus posicionamentos acerca da questão identitária e do pertencimento racial que reverbera nos aplicativos.



– *Comentário 1: “aí ele disse que adora negros, que negros geralmente são bons de cama”. Se isso não é fetichizar os pretos, não sei mais o que é. Menino, sai fora. É prejuízo! Quando tem perfil de cara branco escrito “adoro negros”, eu nem respondo porque a merda é certa*

– *Comentário 2: Vai ficar chupando o dedo. Assim como se falar que não sou tão escuro pra ser negro. Falar que adora um moreno piorou. Não sou objeto de desejo e nem peça de carne. Hoje mesmo em um grupo gay super conhecido no face, as opções de desejo eram: sair com PM, com o vizinho ou com o segurança.*

– *Comentário 3: Eu fico passado como num grupo criado para LGBT negros, as conversas que mais temos sobre relacionamento é como superar o racismo do crush branco ou porque como os brancos não me olham pra além do sexo ou porque o branco não pense em mim e só branco pra lá, branco pra cá. Gente, alguma coisa muito bizarra nisso. Vamos nos desconstruir primeiro, antes de pensar em desconstruir o racismo e namorar/salvar branco racista. Beijos!*

– *Comentário 4: Quando o homem é branco eu saio correndo. O pior é que tem homens negros que chamam de moreno, alguns se abrem pro diálogo, daí meu Tinder de rede de relacionamento vira sala de aula (risos), mas tem uns que não se abrem pra conversa e me bloqueiam (risos). (Fragmento 7. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018).*

Não somente gays brancos se direcionam de forma equivocada quando fazem referência ao pertencimento racial, o relato acima exemplifica que gays negros e bichas pretas também apresentam um conflito relativo à sua identidade racial.

– *Negro bonito.*

– *Obrigado. Deixa eu te fazer uma revelação bombástica. Você também é negro. (Fragmento 8. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018).*

– *Odeio. Fiz a mesma coisa esses dias nesse aplicativo e o cara respondeu; “Desculpa, achei que te chamasse de negro fosse te ofender. (Fragmento 9. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018).*



Além dessas questões discutidas, ao observar as narrativas das crianças, Cavalleiro (1998) aponta que é possível perceber as diferenças de tratamento e associá-las à origem racial, que inclusive a cor das crianças negras traria repulsa por parte das crianças brancas, além do preterimento em diversas atividades cotidianas da escola, como nas brincadeiras, filas e danças. Conforme a autora, isso pode ser observado em momentos que a companhia de crianças negras é negada nas brincadeiras pelas crianças brancas e momentos que se recusam em até mesmo brincar com bonecas que não sejam brancas. Este contexto de preconceito e discriminação racial na infância de crianças negras, também foi constatado por Dias (2007), ao realizar uma pesquisa com educadoras da primeira infância.

Na educação infantil, a gente já sentiu essa questão da diferença do tratamento dos profissionais em relação à criança negra e à criança branca. Essa questão do estereótipo. Do modelo único de beleza, que é branco, loiro dos olhos claros ou verdes. Essa questão é muito forte na educação infantil. As crianças negras não têm tanto colo, chamego, aconchego, como tem a criança branca. (Educadora mame, de Campinas – entrevista concedida em 13/09/06). [...] Quando aparece um bebê Johnson na escola, todo mundo [diz]: - “ai que lindo! Um bebê Johnson que eu falo é um menino loiro, de olho azul, bem gordo. Gordinho, bem fofo. Então esse bebê passeia pela escola inteira. Ele passeia com a monitora de setor, com a diretora. Como se sente a criança que nunca sai? Educadora Aminata, de Campinas – entrevista em 12/09/06. (DIAS, 2007, p. 42).

De acordo com Oliveira e Abramowicz (2010), as demonstrações de carinho por parte das professoras não contemplam as crianças negras, na maior parte do tempo, deixando-as excluídas do que as autoras preferem chamar de “paparicação”. Conforme as autoras:

As crianças negras estavam, na maior parte do tempo, fora dessa prática da paparicação, em um processo de exclusão que não está sendo entendido como ato de segregação, mas como recebimento de um carinho diferenciado, com menor paparicação. (OLIVEIRA, ABRAMOWICZ, 2010, p. 218).

As demonstrações de carinho, a oferta do colo, do beijo e do abraço é preferencialmente destinado as crianças brancas, e principalmente crianças



caracterizadas pelas professoras como “princesas”, enquanto crianças negras ao chorarem são apenas colocadas para se sentarem nas cadeiras, assim como são ignoradas a serem encontradas nas filas do refeitório. (OLIVEIRA, ABRAMOWICZ, 2010). Desta maneira, a creche funciona:

[...] a partir de práticas educativas baseadas em uma micropenalidade do corpo, baseando-se num todo social homogêneo: um corpo negro tende a ser rejeitado segundo uma norma de negação do diferente em relação ao modelo estético de beleza e saúde convencionalmente estipulado como “padrão a ser seguido”. (OLIVEIRA, ABRAMOWICZ, 2010, p. 219).

Portanto, as experiências das crianças negras nas creches e escolas tem se configurado num contexto de negligência, preconceito e discriminação racial em relação à construção do afeto de si mesma como do afeto do outro, o que faz reverberar, na fase adulta, um eco dessas atitudes racistas, conforme os diálogos acima nos mostram. O racismo produzido em redes sociais de relacionamento gay é fruto, de certo modo, de um processo histórico de racismo, que começa na maioria das vezes nas creches, no momento em que professoras preterem nas suas relações de afeto com seus estudantes, os corpos negros. De acordo com Dias e Junior:

O corpo é umas das vias mais importantes na interação com os bebês. É por meio do corpo, do toque, do olhar que eles sentem o acolhimento. Nos berçários das instituições os momentos do banho, da mudança de fraldas, é lugar de troca de toques, de energia, de sentimentos, por isso eles são especiais para as crianças. O bebê percebe a si próprio por meio dos adultos que o toca, do toque carinhoso que o recebe ou das expressões de raiva e indiferença do adulto que com ele convive. Os bebês nesse contato diário se percebem queridos ou não em diferentes momentos dessas interações. (2011, p. 15).

Neste sentido, Cavalleiro (1998) constatou que a professora se apresenta como o sujeito que “[...] difunde a desvalorização, das características estéticas das crianças negras. Diversas vezes presenciei comentários de professores, que, penso, repercutiram negativamente na autoestima das crianças, expondo-as à humilhação.” (p. 133). Ainda de acordo com a autora:



A familiaridade com a dinâmica da escola permite perceber a existência de um tratamento diferenciado e mais afetivo dirigido às crianças brancas. Isso é bastante perceptível quando analisando o comportamento não-verbal que ocorre nas interações professor/aluno branco, caracterizado pelo natural contato físico acompanhado de beijos, de abraços e de toques.” (CAVALLEIRO, 1998, p. 149).

É possível afirmar que a forma que as crianças recebem carinho e afeto na infância é condicionada pelo pertencimento racial. A raça é o marcador que tem decidido a construção da afetividade na vida de crianças negras. “Na relação com o aluno branco as professoras, aceitam o contato físico através de abraço, beijo ou olhar, evidenciando um maior grau de afeto”. (CAVALLEIRO, 1998, p. 150). No entanto:

[...] o contato físico é mais escasso na relação professor/aluno negro. As professoras ao se aproximarem das crianças negras mantêm, geralmente uma distância que inviabiliza o contato físico. É visível a discrepância de tratamento que a professora dispensa à criança negra, quando comparamos com a criança branca. (CAVALLEIRO, 1998, p. 150).

Esta relação entre professoras e professores brancas e brancos/alunas e alunos negras e negros, além de se configurar por meio de uma diferenciação de tratamento, para a autora, existe uma espera de afeto que não chega para as alunas e alunos negras e negros, já para as alunas e alunos brancas e brancos, além dos elogios de suas atividades, há uma valorização pessoal representadas em frases como: "você é maravilhosa, sabida", mas crianças negras ficam “[...] à espera desse afeto que não chegou a se realizar e que poderia ser significativo para sua autoestima”. (CAVALLEIRO, 1998, p. 157).

Neste sentido, as pesquisas evidenciam que a vida nas instituições educacionais se inicia com a percepção de que algo é ofertado de forma diferenciada, ou simplesmente negado e, assim, o processo de construção da afetividade se configura de forma fragmentada, atravessada pelo racismo.

Algumas dessas crianças negras, algumas hoje bichas pretas, conseguem perceber que existe um tratamento diferenciado e muitas das vezes uma precariedade de afeto para elas, seja nos aplicativos de relacionamento gay, como em outros espaços de socialização LGBT. Mas ressignificar a afetividade para nós mesmas, assim como o



exercício de demonstrar esse afeto para a outra, pode ser um desafio. Isso não quer dizer que seja impossível de acontecer. O *Afrodengo LBTT+* pode representar esse espaço de ressignificação da identidade negra e de (re)construção de um afeto que por tempos nos foi negado.

Portanto, entender a educação como uma possibilidade de transformação de realidades socialmente construídas e estruturadas pelo racismo é um dos caminhos primordiais para questionar e pensar a afetividade de bichas pretas que estão presentes no *Afrodengo LBTT+*, debatendo sobre nossas estéticas, paixões, solidão, sexualidade, desconstruções etc. Além disso pode operar como possibilidade de ressignificação da nossa afetividade, inspiradas pelo que nos ensina bell hooks (2000) sobre a potência de cura do amor. O *Afrodengo LBTT+* pode ser espaço de cura e educação no ato e na arte de amar. Se hoje estamos neste espaço virtual para falar sobre isso é porque nossas (re)existências estão sendo combativas em relação a todo o racismo que nos interpela constantemente.

Quando bell hooks (2000) afirma que o amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, a autora está chamando atenção para o desejo de uma existência plena, que, portanto, é viver aquilo que nossas experiências infantis na escola não nos possibilitaram, pois em uma sociedade racista, o amor como possibilidade de plenitude tem sido usurpado de nossas vidas. Portanto, esse aquilombamento virtual no *Afrodengo LBTT+* se mostra uma possibilidade de construir um espaço com presença de amor e de afeto na vida das bichas pretas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o grupo *Afrodengo LBTT+* pode ser entendido como um quilombo virtual que defino como sendo um espaço de resistência e instância propositiva de combate ao racismo e LGBTfobia e dispositivo pedagógico de onde emerge novas formas de resistir e ressignificar processos às vezes tão caros para comunidade LGBT negra. Esse aquilombamento inspirado no sentido das origens do quilombo que:



Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro, é sem dúvida uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esse território em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esse abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar. (MUNANGA, 1995, p. 63).

Neste sentido, este aquilombamento virtual nos direciona para “[...] a arte e a prática de amar começam com nossa capacidade de nos conhecer e nos afirmar.” (hooks, 2000, s/p). No entanto, quando procuramos nossas próprias imagens miradas num espelho, percebemos que às vezes não amamos a imagem que é refletida (hooks, 2000). Essa imagem que deveria ser reconhecida, afirmada e amada, sofreu nos primeiros anos de vida de crianças negras no espaço escolar um processo de fragmentação e desvalorização (CAVALLEIRO, 1998; BENTO, 2011). Neste sentido, é necessário substituir esse processo de desvalorização pelo reconhecimento positivo, como alerta bell hooks (2000). É a partir do exercício de afirmação que é dado o primeiro passo para cultivarmos o amor interior. A autora enfatiza o fato de falar de “amor interior” e não “amor próprio, visto que o termo “próprio” quando colocado, opera no sentido de pensar a relação com o outro.

Concluo que para as bichas pretas do *Afrodengo LGBTT+* um dos desafios é justamente cultivar o amor interior, praticando o exercício de reconhecimento positivo de si mesmo e ainda pensar que o cultivo desse amor interior em detrimento do amor próprio é desafiador, visto que a cisheteronormatividade branca atravessa de forma violenta nossas existências. bell hooks destaca que “[...] a partir do momento que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas” (2000, s/p), o que de certa forma estar em uma comunidade virtual onde se pauta a busca por um amor entre pessoas negras faz parte de um autoconhecimento, ressignificação e movimentação em direção a novas possibilidades e experiências afetivas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFRONDENGO LGBTT+. Disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/afrodengolgbtt/?ref=share>. Acesso em: 03/03/2019.

BARROS, Mirani. *Um lugar para ser gorda: Afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores*. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Ciências Humanas e Saúde. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BENTO, Maria Aparecido Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecido da Silva (Org.). *Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos*. 2012, p. 98-114.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: USP, 1998. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

CORDEIRO, Fábio de Carvalho. *A bixa-preta na escola e nas redes sociais: da afetividade de uma vida à hipersexualização de um corpo*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

DIAS, Lucimar Rosa. *No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo*. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

DIAS, Lucimar Rosa; OLIVEIRA, Waldete Tristão Farias. Creches e as práticas ausentes quanto a questão racial na experiência com e dos bebês. In: KOMINEK, Andrea Maila Voss; VANALI, Ana Crishtina (Orgs.). *Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil*. Porto Alegre, 2018, p. 223-242.

DIAS, Lucimar Rosa; SILVA JUNIOR, Hélio e BENTO, Maria Aparecida. Subsídios para o desenvolvimento de práticas pedagógicas promotoras da igualdade racial na educação infantil. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 16–45, 2012. <https://doi.org/10.22456/2595-4377.27223>

HOOKS, Bell. *Vivendo de amor*. Tradução de: MEDONÇA, MAÍSA. 2000. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 23/10/ 2018.

MUNANGA, Kabenguele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, São Paulo, v. 28, p. 56-63, dez./fev. 1995-1996. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63>

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, Raça e “paparicação”. *Educação*, Belo Horizonte, v. 26, n. 02, p. 209-226. 2010/ago. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000200010>

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existência de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SILVA, Ana Célia da. *A discriminação do negro no livro didático*. Ed. CED, Salvador, 1995.

TEODORO, Cristina. A constituição de corpos negros em espaços de educação infantil: o lugar da identidade e do pertencimento étnico-racial. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 12, n. 33, p. 110–133, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1005>. Acesso em: 23/09/2023.

ZAMBONI, Jésio. *Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual*. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santos. Espírito Santo, 2018.

Recebido em: 18/09/2023

Aprovado em: 23/09/2023